

Teatro
Festlip traz ao Rio
a produção de oito
países lusófonos B2

Peças que falam a mesma língua

Daniel Schenker

Um teatro intimamente ligado à história social e política do país. É o que a atriz e produtora Tânia Pires descobriu ao palmilhar Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste (além, é claro, do Brasil) com o intuito de compor a programação do Festlip – Festival de Teatro da Língua Portuguesa, cuja terceira edição começa hoje com a apresentação de *Chovem amores na rua do matador*, texto de Mía Couto e José Eduardo Angualusa, que ganha encenação do grupo português Trigo Limpo, marcada para as 19h, no teatro Sesc Ginástico.

Há um preconceito mútuo entre Brasil e Portugal que está sendo quebrado. Nós não conhecemos o teatro português, e eles têm apenas um pouco mais de acesso ao nosso – sublinha Tânia Pires. Ainda permanece instalada a sensação de que o teatro de Portugal é vinculado a um padrão clássico, mas venho trazendo para o festival alguns espetáculos absolutamente contemporâneos.

Além de *Chovem amores na rua do matador*, Portugal está sendo representada no Festlip por *Contos em viagem*, montagem do grupo Teatro Meridional escoreada na história de Cabo Verde; *Filhas da mãe – Fantasias eróticas das mulheres portuguesas*, da companhia de teatro-dança Binólogos, centrada no universo íntimo feminino; e *Agosto – Contos da emigração*, encenação da companhia A Barraca, com direção e dramaturgia da veterana atriz Maria do Céu Guerra.

Em Portugal, passamos a receber centenas de pessoas vindas do Brasil e da África. Cansei de ouvir que os estrangeiros estavam roubando trabalho dos portugueses e quis dar minha resposta – ressalta Maria do Céu Guerra. Faço questão de lembrar que temos 5 milhões de portugueses espalhados pelo mundo.

Maria do Céu Guerra que, homenageada pelo festival, aproveita a passagem pelo Rio para ministrar uma oficina nos dias 19 e 20, no Espaço Sesc – viveu na pele a experiência de fazer teatro durante a ditadura.

Tudo o que se realizava era muito conservador, sob o ponto de vista

estético – lembra a atriz, que, a partir de 1976, trabalhou com Augusto Boal. Ele percebeu muito bem as propostas do A Barraca. Tempos depois, reencontrei-o num festival no Uruguai. Descobri que ele estava dando um workshop e me inscrevi, sem que soubesse. Comecei a fazer exercícios que já conhecia e, de repente, Boal chegou para me corrigir, antes mesmo de me reconhecer. Foi emocionante.

Produtora acredita que festival quebra preconceito mútuo sobre a dramaturgia de Brasil e Portugal

Além de Portugal, Tânia Pires desvenda para o espectador produções como a do Timor Leste.

Talvez por se tratar de um país isolado e por ter vivenciado um processo de independência tranquilo, lá o ritmo dos espetáculos é mais contemplativo. Não existem vícios interpretativos entre os atores. Como não havia nenhum grupo formado, uma montagem foi concebida especialmente para o festival a partir de um curso que conduzi.

Outra nação de produção teatral desconhecida é São Tomé e Príncipe, representada pelo grupo Foló Blagi, que apresenta uma versão de *O pagador de promessas*, clássico da dramaturgia brasileira de Dias Gomes.

Em São Tomé, a música é um elemento determinante nos espetáculos. Em Guiné-Bissau também, ainda que os habitantes sofram com sequelas da ditadura – compara Tânia. Este peso transparece em cena por meio de uma rigidez muscular dos atores.

De Guiné-Bissau vem *Maria – Ritual das parideiras*, montagem do Grupo de Teatro do Oprimido, que propõe uma metáfora de uma cerimônia tradicional na etnia felupe, que reúne as mulheres para celebrar sua fecundidade e seu poder através de cantos, rezas, danças e bebidas. A reverberação de uma trajetória sofrida transparece na produção de outros países, mesmo que de modos diversos.

Moçambique tem a capacidade de rir da própria desgraça – destaca Tânia, sobre o país que desponta no Festlip com *A demissão do Sô Ministro*, comédia da companhia de teatro Gungu, e *Só chei-*

ra borracha, drama familiar do grupo Kudumba.

Já de Cabo Verde vem *Androgínia*, do grupo Centro Cultural de Mindelo, voltado para a temática da violência doméstica.

O trabalho corporal dos atores de Cabo Verde é vigoroso – sublinha.

Angola também desponta com força através de dois espetáculos: o trágico *Olímpias*, da companhia Dadaísmo, e *4'30"*, do Colectivo Miragens Teatro, que reconstrói a noite do desabamento do prédio da Direção Nacional de Investigação Criminal do governo de Angola. E não se pode, claro, deixar de destacar a produção brasileira, com *Ferro em brasa*, encenação a cargo de uma das companhias mais importantes de São Paulo, Os Fofos Encenam, que traz à tona a tradição do circo-teatro no país, a elogiada montagem de *O homem que ri*, texto de Paulo Santoro, dramaturgo revelado no Centro de Pesquisa Teatral (CPT), de Antunes Filho, que chega ao palco graças ao grupo Barracão Cultural, e *Drummond 4 tempos*, mergulho no universo do escritor a cargo companhia de teatro Novo Ato.

TEATRO

Festlip, que chega hoje a sua terceira edição, destaca a diversificada produção de oito países lusófonos

HISTÓRIA DE CABO VERDE – Tema de 'Contos em viagem', do grupo português Teatro Meridional



Peças que falam a mesma língua



LINGUAGEM TEATRAL – 'Androgínia', de Cabo Verde, '4'30"', de Angola, e 'Ferro em brasa', do Brasil: atrações do 3º Festlip